

Vila Nova de Gaia,
20. Dez. 89

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
ARQUIVO FO	01.216.15

Amador Amigo:

Não é refuso que este cartão lhe chegue
às mãos amanhã de manhã na sexta-
-feira. O que poderia dizer-lhe é que
sej. amanhã, quinta, fosse Lisboa e que
eu permanecerei até sábado, às 11 horas
(hora de partida do comboio "Alpha").
Vi no "JL", uma referência à sua "ex-

posicion autolópica,, na baleric Soclips e por lá
Telefoni estz manlta, a pugnata a que hora,
na próxima quinta - feira (amanha), se inaugura.
Differam - um p o for já na semana passada.
Na ieri lá nê - la, na sexta. Botarie, intulato,
de estar cursis, de nê - lo. Se esta mensagem
me chegar a tempo, contacte - me pelo telefone
4101358 (de casa de minha irmã, em Alfés),
oude, afinal, massamente me delerei.

Sei que já se encontra instalado na sua
nova casa - differam - um na Soclips. Sei tam
beem, que o seu álbum já saiu. Ficou bonito?
Um grande, grande abraço de seu amigo
dedicat

ALBANO MATEUS
R. Fernão Mendes Pinto, 167
4400 VILA NOVA DE OIA



01.216.15



Paulo
UNIVERSIDADE
DE ÉVORA
CRUZEIRO SEIXAS

Rua Vitor Gordon, 45-B,
4.º Dto - Sala H

1200 LISBOA

faça com cuidado



Vila Nova de Gaia,
24. Jan. 90

Querido Amigo:

Uma certa (e recente) abulia, que se vai tornando crónica, tem retardado o ajustamento que lhe devo pela tão amiga quanto generosa oferta do seu álbum que há uma semana me chegou pelo correio. Trata-se de uma preciosa homenagem, sinceramente feita ao meu nome e da não opaca assinatura. Culpa do prelo, ao qual não terá sido semelhante a qualidade bastante para ali figurar. Paciência. Das telhas que há isso tenho. O livro, esse, permite-me viajar através do tempo - o tempo da sua pintura - abarcar a luminosa (melhor seria dizer incandescente) trajetória que é a sua e reconhecer nela o cinza que faz de sua obra um documento humano e artístico superior. E não fosse o "momento de miserabilismo espiritual por me estarem passando", como diz o vigário Branell (eu diria: que tenho passado e continuarei talvez passando), a sua obra já se teria juntado à posição - ímpar, não o duvido - que por direito

the pertence no quadro da pintura portuguesa,
do mesmo ou de outro qualquer tempo. Não é o
meu amigo, meu "profissional", ou sei. É sei
também que isso lhe não justam os "profissio-
nais", o "estabelecimento da glória", os prazeres (de
estatura - humana e artística - e de espírito) que
por aí pululam. Num tempo e numa sociedade
onde a coerência é um risco, o meu amigo
aporta nela, a coerência. Feito de coragem, sim,
mas também de humildade, humildade que é
sabedoria, porque tudo, afinal - e alguns en-
tendem-se a ignorá-lo - é precário. Eterna
é a própria precariedade, a insegurança.
O que seu amigo administra é a coragem e
dessa coragem, o passo seguinte que de sua obra
se depende e, também, essa obra, unida sua,
de autenticidade. Bem haja. Pelo álbum, pela
sua pintura, pela vida que ela encerra e, ainda,
pela sua decência.

Também eu tive pena de não poder estar
consigo em Lisboa, na semana anterior ao
Natal. Na Galeria Sotiris, onde administrei a sua
"exposição autológica", disseram-me que talvez o meu
amigo passasse por lá essa manhã. Estava com
dois amigos brasileiros - meu casal - que se des-
lumbraram, também eles, com a sua pintura.
Esperamos, a pé firme, durante algum tempo, a
sua chegada. Depois, saindo, deixá-lo em

um abraço, que espero lhe tenha sido transmitido,
através do diretor da galeria.

Recebi, sim, o seus votos para 90 e, em-
bora um pouco tarde, não quero deixar de lhes
retribuir aqui. É que a direção da obra, se
não "o autor anônimo", esse que sempre desejo
(e quem o não terá desejado?), ao menos al-
guns daqueles pequenos favores que, sendo em-
bora substituídos, não deixam, todavia, de
aliviar um tanto o peso da solidão "assumida".

Um grande e grato abraço do seu dedicado
amigo e administrador



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

xxxxxxxxx

P.S. - Uma foi que o Teixeira de Azevedo, que che-
gam a via a minha casa, não tenha, afinal,
seleccionado nenhuma das suas peças em meu
favor para o álbum. É ele Teixeira - me
diz que mandaria cá o fotógrafo. Não mandou...

Vila Nova de Gaia,

3. Abril. 90

Amigo Daniel:

Atuei-me na resposta devido à tua carta de 11/2 à espera de poder contactar-te pelo menos num dos meus livros, em diversos pontos editorial. Um deles, agora sob como fronts vai, afinal, ser passado à guarda para decisão do promotor de arte, o qual, insatisfeito com a qualidade gráfica dos desenhos, de que o autor (trata-se do irmão Tiago Daniel, residente em Vila Nova de Gaia), decidiu mandar destruir a edição e processar a tipografia. O outro, cujo lançamento (é uma edição de JN-EM) mais há semanas anunciado no JL, tarda em se mostrar, também ele, nas montagens das livrarias, onde por certo vai envelhecer.

Enquanto não vês os livros, vai, apesar de tudo, o meu apelo através das tuas cartas, tão amigas e solidárias, tão humanas e verdadeiras.

Não dê à "folha volante" de Cesariny a importância que ela não tem ou não merece. Trata-se dum gesto que não habilita o seu

Vila Nova de Évora,
18. Junho. 90

Querido Amigo:

Como hei-de desculpar-me? Por este silêncio, esta desatenção? Três cartas suas aguardam aqui, sobre a mesa, numa resposta que mecho tardando, adando, que tarda e tarda... E já me pesa este silêncio que acredito - me - a, e replica por razões outras que são o esquecimento, a desmemória. São os livros, esses que lhe mandei, e o peso deles, o envio deles a outros amigos, outras cartas, daquelas que afetam (e infestam, às vezes) o dia a dia. A turbulência do gesto, nunca melhor, sem significado, outras atitudes de sentido, a vontade.

E agora lhe agradeço, emvidoso, as suas palavras - tão suas, tão ao jeito de sua sensibilidade, de sua amizade - sobre a Vozes do Silêncio e os Patamares da Memória. O livro aí está. Fatigam, talvez, de tão longa demora, assim fatigadamente vão seguindo o meu percurso, à espera do even-

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Letras
27

Tuair (sempre improvisais) litores. Porque, que a poesia não teve (e teve - o alguma vez?) lugar garantido no espectáculo deste nosso quotidiano opressado, donde a imaginação foi varrida. E, à parte um ou dois "dubés", que superlativamente vão com "tuba sacada e belicosa", promovendo os seus ídolos (de barro, como um dia se seria), ninguém dá for à poesia. Quem ainda fala miúdas, que não satisfaz, pelo visto, o requisito da moda. Quem eu pertença, já se vê, àquela turma de apostas, airtunes, onde se joga (e de perde) a individualidade, as cedências, as transigências. É tarde para mudar a alma do diabo. Não o fit; não o jare.

Falo de si numa entrevista que há algumas atrás comedi ao Baptista - Basto, e que este irá publicar no suplemento cultural de "O Diário". Já, digo, porque, como sabe, "O Diário", cessou há dias a sua publicação. Julgo que, em face do acontecimento, o Baptista Basto, há tentado outro espaço para a entrevista. Se (e quando) ela sair, não deixarei de o avisar.

No próximo dia 27, à noite (às 21h 30m) vou estar aí, no Centro de

Site Ordem da Gulbenkian numa sessão pública durante a qual o meu livro (a Vozes do Silêncio) vai ser analisado pelo poeta e ensaísta Fernando J. B. Partidos. Trata-se de uma das sessões mensais (ou trimestrais?) promovidas pelo TEN CLOZE sob a designação de "Jornal falado", para apresentação de três obras seleccionadas nos domínios da poesia, do ensaio e da ficção. Se quiser (e puder) aparecer por lá, bem sabe que gostarei muito de vê-lo e abraçá-lo. E conversaremos, talvez haja, até, possibilidade, no dia 28 (se regressarei ao Porto nesse dia, lá para o fim da tarde) dar-lhe um salto ao seu "atelier".

Uma tive, naturalmente, que me não tivesse contactado apurando da sua vinda ao Porto. Distraidamente, e no dia seguinte, pelo jornal, tive conhecimento de uma participação na Casa de Serralves numa mesa-redonda sobre o Surrealismo. E não pude, assim, estar lá, como seria natural.

Ver-nos-emos em Lisboa? Assim o espero. Por agora, diga-lhe um grande e quente abraço e muito seu

seeeeeee

Vila Nova de Gaia,
25. junho. 90

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.216.19

Amado Amigo:



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Sua mensagem recebida hoje,

resposta:

1.º Que estm convidado para a
reuniao, no dia 28, em o David Pousa -
- Ferreira;

Vila Nova de Fais,
13. julho. 90

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.216.20

Amado Amigo:

Anare em meças de partida (aigo no
próximo dia 21) para o Brasil onde vou
participar em dois congressos (um na Univ.
do Estado, outro na Federal do Rio de Janeiro),
mas, também em, levantar uma vez mais
o(s) nosso(s) descontento(s) e a lentidão
(inadmissível) do CTT lusitano. E
quero, ainda, dizer-lhe que a autentica,

aquele em que jáo de si, saiu afon (na
passar Tereza - fina) no JL. Para o caso
de a não ter visto (e não, sobretudo),
apoi lhe deixo o visto.

± depois, no Rio, encontrar alguns ami-
guitos diversos, por lhe enviar um postal.
Não sei ainda grande impressão, mas enta-
mente antes de meado de agosto.

Um grande e afetuoso abraço,
deu amigo dedicado

—————
—————

Vila Nova de Gaia,
29. Out. 1990

Américo Sáez:

Não é um conselho, que me não sinto autorizado, nem sequer habilitado, a dar-lhe, mas gostaria, se foram a tempo este desejo, que admitisse o convite que de Paris lhe fazem, através da ACTUS. Tem razão: o nome nelp movido, a garantia de equívoca qualidade, de seriedade de propósito. E o seu nome é indispensável em qualquer contexto do Surrealismo (inter e extra-muros).

E é de seu outro convite que agora lhe falo. O Rotary Clube de Gaia promove, julho, que de dois em dois anos, uma ampla exposição em obras de artistas plásticos nacionais. No seu termo, as obras expostas são leiloadas e uma parte (30%) do produto da venda reverte a favor de uma instituição de carácter social sediada na área da cidade, mediante a aquisição de seus equipamentos ou serviços duradouros. A arte e a solidariedade de mãos dadas, como vê.

Vila Nova de Gaia,
4. Fev. 1951

Amigo Amigo:

Respondo, sim, à minha carta. Eu
é que, descurado, não acusei a recepção da
sua. Nela me falava da sua passagem por
Madrid, e dos reencontros com Giacometti,
com Picasso - o da "Guernica" - com Toledo,
e Guebra. A Espanha é aqui ao lado. Próxima
e distante.

Para mim, a visão da península que
afora de me oferece com mais frequência é a
desse pedaço que se dá pelo nome de Alentejo. Mais
próximo de nós pela geografia, pela língua,
pela cultura, pela história. E ali pela paisa-
ragem, pela verdade - como a do nosso
Ninho - de suaves ondulações e duma
ruralidade ancestral e miúda. A dos "flores
do verde pino".

há muito que não passo por Madrid
por Toledo. Da última vez que atra-
vessei a Espanha, fui a Barcelona
rever o Gaudí, o "Bairro Gótico", as

Vila Nova de Gaia,

24. Abriç. 1991

Amado Amigo:

É altura de lhe anunciar a minha deslocação a Lisboa no próximo dia 3 de Maio e de, em consequência, marcar consigo um encontro para o dia 4, sábado. A exposição do Museu de Vila Nova de Gaia é inaugurada no dia 11, pelo que urge agora recolher os quadros que ainda não chegaram. Assumo o compromisso de tratar os seus, tendo de cumprir-lh.

Pelo - lhe, então, que me diga, por favor, onde, e a que horas, poderíamos encontrar-nos no dia 4 de Maio, a fim de me entregar as três peças que destinou à exposição. Se me fosse permitido, sugeriria a sua casa ou o seu "atelier". Poderíamos ali, se estivesse de acordo (e se estivesse disponível, evidentemente) almorçar ali juntos e tratar do "negócio", antes ou depois.

Aguardando uma comunicação sua a

anunciar-me a hora e o local de reunião,
pois espero não ser, desta vez, prejudicado,
ou melhor, impedido, com as outras
razões que sucederem.

Um grande e paternal abraço de seu

seu pai

P.S. - Para o caso de lhe não ser pos-
sível transmitir-me, por escrito, o
seu recado, o n.º de meu telefone
(que já lhe envio) é o seguinte: 7112145.
Judicário da UNIVERSIDADE: 02

Em Lisboa, DE EVORA, em casa de minha
irmã, cujo telefone tem o n.º 4101358.

Dados abraços

seu pai

na hora de sair,

26. Abil. 9/1

Amid. Suiza:

Foi complementado de telegramas, b' como expedido (e porque o telegrama já não tem seu serviço rápido), unio- ble, por correio a'zul (esta nova, mais expedita dizem, mais cara, in- venção dos CTT), de Evora. Do Rotary Club de base pedem-me, em referência a seguinte data, destinados ao catálogo da exposição, o qual já devia, dizem-me, estar impresso:

- a) Títulos de cada uma das telas que destina à exposição.
- b) Técnica utilizada em cada uma delas.
- c) Dimensões (também de cada uma delas).
- d) Preço por unidade.

O número de telefone do meu

serviço (para onde pode ligar entre as
9 horas 30 minutos e as 17) São os
seguintes: 698705; 692692; 692854;
694226. O de minha casa, onde me
encontro normalmente a partir das 18
horas é, como sabe (julgo em que
sabe) o 7112145.

Espero tenha já recebido a carta
que lhe envio na passada quarta-feira.
Depois disso fui contactado por um
dos responsáveis do Rotary Clube de Évora,
pedindo-me com urgência o documento
além referido.

UNIVERSIDADE

DE ÉVORA

Inquanto ao meu Registo aqui
são o trabalho muito oportuno de
ser dedicado

ccccc

v. n. de baixa,
5. Junho. 91

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Arquivo FCS | 01.216.25

Meu D. Amigo:

Aqui, conforme prometido, o cheque
(julgo em que ele vai vir, no sobrescrito
onde deixado em minha casa) relativo
a venda de minha D. suas peças. As
outras duas estão já em minha casa e

aguardar o momento propício (uma desloca-
ção minha a Lisboa ou outra qualquer
circunstância favorável) para lhe serem
desenvolvidas. Uma beleza, estas duas
peças! Tiveste em Dinheira... não saíste

de minha casa

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Para a semana - de 10 a 14 - vou
estar no Istar de Viterbo, em Vila Real, num
seminário de tradução com três poetas
norte-americanos. De: me, entre tanto, notícias
suas. Um grande e afetuoso abraço de seu

Essecececece

Vila Nova de Faria,

15. Julho. 91

Muird, King:

Assunto arrumado, creio: aquele meu "amigo" com quem chamo e visivelmente o não é, não passa, é claro (e já lho afirmei pelo telefone), de um oportunista. Descobriu, de repente, que podia fazer negócios - se não a curto, ao menos a médio prazo, para a custa da generosidade de alguns senhores e artistas nossos, aos quais vai colerando autógrafos, tirando fotografias, pedinchando obras, e desse "negócio" vive, ao que parece, não lhe há crédito. Invente pretextos, não lhe apareça. O indivíduo é mesmo "chato", e os "chatos" tiram-nos com "dum dum", "cu-primol", "crislina", ou qualquer produto (qualquer fetiche) de semelhante qualidade.

A minha estada no Palácio de D. João, seu Vile Real, teve como verdadeiramente curioso pensador e fruição de uma semana de des-
pous entre grândicas, grossas paredes e árvores de largos ramos, permitindo-me ainda a visita a um misterioso "Santuário" romano que há

por di feito, a uns três quilómetros: Panoias.
A poesia - a dos países norte-americanos que
um exemplo tradutor (as palavras e com a co-
laboração dos próprios, diga-se) - foi sobretudo pretexto
de convivência, não propriamente com ela, a poesia, mas
com o espírito dela e com alguns amigos. A poesia
norte-americana - percebi-me disso agora em toda
a evidência - não encaixa na nossa tradição poética.

A que "folha volante" antes de mais,
ainda juntou a ela, como prometia no seu
cartão, "o texto do Schuster", recebido de Paris.
Experimento em distração, já se vê, que
espero suprir de alguma coisa. Essa
maneira de "fazer" a "folha volante" acentua
um pouco aquela sensação de tristeza e de
náusea (de náusea sartriana) que há muito
venho sentindo em relação ao ambiente cul-
tural, literário e artístico que é o nosso.
Em relação a essas "gentes que esbracejam
em jornais e bares, fazem serem alhados e
amidos" de tais que, acreditando (e, sobretudo,
apoiando-se) nos "julgamentos dos nossos con-
temporâneos", precisamente se esquecem de
que só "daqui a uns bons 100 anos é
que se vai saber a verdade possível". Por
isso, dentro de um ano, nem eles nem
nós estarão cá, o melhor é coler no
presente que ao futuro, sempre dividido.

Vila Nova de Gaia,
6 de Agosto. 1995

Querido Ruijs:

Muito em fase criativa, depois de um longo período de crise (uma depressão acedónica, de que já te falei) e de abstinência (inadvertida, como apela) poética. Depois de três livros escritos no espaço de um mês, trabalho agora num quarto ('numeral ordinal' não o quarto de dormir onde é a cidade, também tenho escrito alguns poemas, pelo modo de madrugada fora). O título que escolhi para ele é A voz do olhar, mas assalta-me de repente esta dúvida, que é recuá, sobretudo: será que tenho as cabecas e no ouvido um título já utilizado por alguém? Dúvida e recuá que me atormentam e do qual não sei como livrar-me. É que ele, o título, é o que melhor me guarda ou serve o meu propósito. Trata-se, na cidade de prémios ausitados (uma vez mais, porque esta edição é antiga) pelo objecto pictórico ou escultórico que à minha volta se existam ou em o jáis comivo (ou tendo comido) ao longo do ano.

Pois hoje, pela manhã, ao olhar um do meus desenhos que ali em frente, auspícios de farede, me fazem inalterável companhia e comigo dialogam seu silêncio nasce o poema que transcrevo e que é, ainda desta vez, uma

pequena homenagem ao seu fulgor e ao seu poder
criativo. Ai fica ele, o premo, a dizer-lhe o quanto
a sua pintura (mesmo que se trate apenas de um desenho)
me gola. Ei-lo:

LEITURA DE UM DESENHO DE GROSZEDRO SEIXAS

Algumas árvores crescem
no sono

do cavalo: as suas
crinas. E é dos peitos

que as suas pernas

e os seus cascos nascem. E

em elas, mas também

em eles

que esboça

o vos permitido pelo sexo

oculto nos olhos.

Tua subida, sobretudo, um postal com uma vista
de Baiona galega (há também, se não me enganar, uma
Baione francesa), onde recentemente estive em divagação
artística e onde escrevi uma dístico de poemas.

Dê-me notícias suas, quando puder. E agrade-
-me, também quando puder, os colágeos das exposições
que ultimamente tem feito e de que me chegaram
deos através de televisão e de imprensa escrita: em
Lisboa (na galeria S. Damado?) e em Santarém.

Um grande abraço ao seu fiel amigo e também,
além de fiel, comido e sincero admirador

É

Vila Nova de Guizé,
7 de Set. 1995

Amigo Henrique:

O poema sofreu algumas alterações - para
melhor, julgo eu - ainda antes de me ir para
o Algarve, desde que regressar, salgado e queimado
como os peixes que habitualmente nos são oferecidos
aos pratos, à hora de almoço ou de jantar. Assim, então,
o poema na redacção que tenho como definitiva
(mas não, afinal, o é) é datilografado, desta vez.

Diz-me obrigado pelo comentário que me enviou
e me trazem uma pista acrescentada de sua "pintura",
que, apesar de "indiferente ou mesmo hostil à arte
abstrata", a eloquência, existe. Todavia, como "tes-
teamentos" (mas "testamentos" não são todas as coisas,
todas as invenções do homem, situam-se elas a
plano de arte ou no do embocamento?).

Carajaz, licido, despido de garras, vestibulo,
duma autenticidade indispensável e sem modas, é o
seu texto - documento incluído no catálogo de "Homenagem
ao Dr. Henrique Lúcio". Não deveriam re-
flectir os literatos e os artistas "profissionais", que
são a maioria, esses para os quais como diz, "a
arte é um ambíguo oxarismo" e tudo fazem (a
tudo descer) para alcançar - a todo o custo e a
qualquer preço - a fama e o triunfo. Os "profissionais",
de arte... é de arte.

Diga-me agora: como se obtém um dos

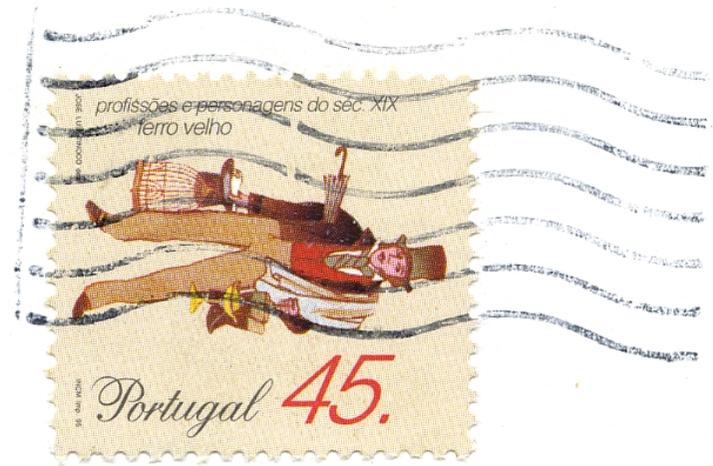
35 exemplares de que vai entrar, segundo me anunciou a edição de "Citações em um certo tempo", do Ráio Henrique Lima? Por subscrição? Se o for, gostaria que me considerasse desde já um dos subscriptores. A menos que o preço por exemplar se mostre incompatível com as várias possibilidades financeiras...

Durante a publicação dos seus poemas (e provavelmente apenas 30, se tem guardados "alguns outros"?), a dificuldade maior residirá, ao que me parece, na inclusão de "alguns desenhos" (quantos, os outros?). Há neste país algumas editoras que mantêm (oustruam) coleções de poesia: a "Lacuna", (que todavia é muito quase exclusivo de J. Manuel Tapalhões e Companhia), a "Aerol", a "Montagem",... Das não será fácil concorrer à publicação de um livro com essas características, que adverte os cânones habituais das coleções e envolve despesas acrescidas. E há também a "Contexto", que já durante anos a editora "oficial" do Alentejo, a "Assírio e Alvim", (que tem editor o Cesário, o Herberto Helder e alguns outros, poucos, sempre o mesmo), e a "Relógio d'Água", que já publicou, há anos, um livro de Raimundo Rosa e ultimamente invade o âmbito da divulgação de textos estrangeiros. Em posse, se o desejo, tentará a "Montagem", (já ela que editou o meu último livro, Um livro para o labor - após galardoado e, pasme!, sem que eu tentasse concorrer, com o "Prémio Eva de Luísa", de Lisboa 1993, da Câmara Municipal de Lisboa). Das haverá sempre, repito, essa dificuldade: a de inclusão de desenhos.

Muito grato e afetuoso abraço do seu amigo
e amigo admirador

Esse

Albano Antunes
R. Maria de Deus Paes, 167
4400 VILA NOVA DE GAIA



UNIVERSIDADE 01.216.28
DE ÉVORA
António
Cruz e Silva
A. D. Rosa, 152, 3.º
1200 LISBOA



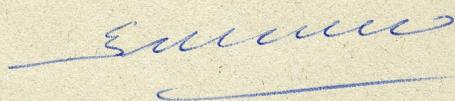
Vila Nova de Gaia,
15. Novº. 1996

Caríssimo Amigo:

Esta é a carta (cópia dela) que me diz não ter recebido e lhe envie na data ali indicada. Mais difícil é reconstituir o postal ilustrado que de Atenas lhe escrevi, em Setembro passado, e me diz não ter recebido também. Era talvez uma visão da Acrópole. Ou de Delfos, aonde fui consultar o oráculo. Ou do templo (do que dele resta, algumas colunas apenas) de Zeus Olímpico, ali à beira do hotel onde estive hospedado. Ou da Micenas de Agamémnon, com a sua Porta das Leas. Ou do teatro de Epidauro, onde o ouro do tempo ainda persiste. Ou do templo de Posídon, no Cabo Súnion. Não sei. Por todos esses e outros lugares sagrados da velha Grécia andei em peregrinação, durante uma semana, em busca das raízes. E lá as descobri, por entre os destroços em que as hordas dos bárbaros transformaram uma das mais belas, ricas e fecundas civilizações de que a história dá notícia. E enchi os olhos de azul, daquele azul incomparável do mar grego, que descobri sobretudo num cruzeiro às ilhas de Egina, Poros e Hidra, ali em frente do Pireu, no Golfo Sarónico. E foi lá que escrevi este "apontamento":

São deste esmalte
os olhos e a pele
de Afrodite. É deste
mar e deste céu
a carne palpitante
da beleza.

Cá espero as suas prometidas notícias.
Um abraço muito apertado do seu



Vila Nova de Gaia,
14.07.1996

01.26.29

Querido Amigo:

Não lhe agradei (reparo agora que passaram entretanto cinco meses e meio!) a sua carta de fins de Janeiro. Vai perdoar-me a incorrecção, que só o é na aparência, como aparente é a descortesia que nela se configura.

Foram longos estes meses, de trabalho árduo na Universidade onde agora dou aulas, a Universidade Fernando Pessoa. Trabalho ainda não terminado de todo, pois me falta elaborar um ponto de exame, a realizar no próximo dia 16. E só no fim do mês estarei definitivamente em férias.

Tinha sabido, sim (embora não possa, neste momento, precisar a fonte da informação), do seu "estúpido acidente". A fisioterapia e o laser a que, diz-me, se estava submetendo terão ajudado à sua recuperação, que espero seja total neste momento.

Vi a exposição da Galeria Presença, ali ao Foco. O que dela escreveu o Óscar Faria é, concordo consigo, um bom exemplo de desatenção, de desconhecimento do seu "percurso de artista". Mas desatenta é normalmente a crítica (ou desatentos são os "críticos e ensaístas que temos"), quase sempre (pre)ocupada em obter favores e em os distribuir pelas capelas a cuja sombra se acolhem oficiantes e acólitos, como razão de sobrevivência. Terá sido sempre assim, assim será sempre. As peças (da exposição) eram bonitas, eu gostaria de ter muitas delas em minha casa (o que eu gostaria era de as ter todas aqui), mas não eram, de facto, das mais significativas do seu "percurso", embora em todas sejam visíveis as marcas do seu "génio" e da sua sensibilidade. E expressivos são também os três poemas "africanos" inseridos no catálogo, falando do "infinito de cada palavra", dos "livros infinitos ocultos sob a folhagem" e dos "leões / ardendo no seu cio". Precisa, meu Amigo, de publicar esses poemas, que pertencerão, certamente, ao número dos seleccionados pela Isabel Meyrelles. Quanto antes!

Muito obrigado pelas palavras que lhe mereceu o meu último livro (a crítica, como sempre, ignorou-o quase em absoluto). E muito obrigado pela fotografia "tão ostensivamente burguesa" que me enviou. Mas burgueses somos todos, afinal. Até os "camaradas" dirigentes do velho P.C. da ex-União Soviética o eram, ou a isso ardentemente aspiravam. Todos possuíam, ao que parece, belas e confortáveis "datchas" (com boas e fofas poltronas) para repouso das suas lutas proletárias.

Dê-me notícias suas, quando puder.

Um grande e afectuoso abraço do seu



(v.s.f.f.)

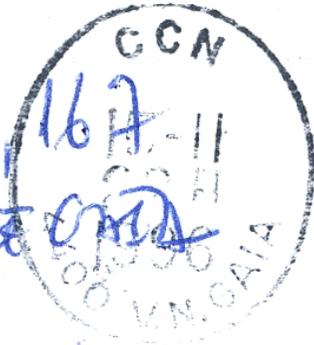
P.S. - Faltou um agradecimento: o que lhe devo pelo envio dos poemas do Mário Henrique, vendidos para o castelhano pelo Prof. Perfecto Cuadrado. Mas então as obras dos autores portugueses são agora primeiro publicadas no estrangeiro e só depois entre nós? Que país é este que temos?

A.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Albano Dautin
R. Fernão de Azevedo, Paulo 16A
4400 VILA NOVA DE GAIA



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

216.29

Faculdade de Ciências
Rua da Rosa, 152, 3.º Et
1200 LISBOA



Vila Nova de Gaia,

20. Dez. 96

Caríssimos amigos:

Terá recebido as minhas duas cartas, sendo uma delas cópia daquela outra que me disse um ter recebido, em julho, e em dezembro de meus arquivos secretos. E cá me dizem a sua, de 14 de Novembro, que se terá cruzado em as minhas. Muito obrigado por ela e pelos bons desejos a que as suas palavras (ou as contidas, em ambas as cartas, em ilustração de sua nobre sensibilidade artística).

Muito obrigado, também, pelas palavras que dedica ao meu livro e a que a crítica (se ela realmente existe) tem dedicado facinorosa atenção. Restam as envidadoras palavras de alguns amigos, vivos e mortos, a bem dizer, para enfrentar a luta corpo-a-corpo com a vida, no dia-a-dia carente e árduo.

Vejam, pelos últimos "JL", que as obras que os meus Henrique de S. não estão a ser editadas nem Espanha. Como fosse adquiridas, tratand-se de edições numeradas - desde logo, restitas - e que não entravam (nem vão entrar), por certo, no mercado português! Em folares de meu tempo, de meu interesse em adquiri-las, lembra-se? Será que ainda há nisso alguma

hipótese?

Entrem-me outra vez em casa, reunido pelo Rotary Club de baile (muito repetido destes senhores, que insistem em ignorar o meu endereço) a carta que escrevi junta. Trata-se, ao que presume, de novo pedido de participação sup. no Salon (o IX) de Artes Plásticas, a realizar em 97. É que eles são teimosos, e confiam, certamente, nos meus bons apetrechos, para a obtenção de qualques pecúnia. O meu amigo decidiu por si, se a minha presença é necessária.

Espero (e desejo, muito sinceramente) que o Natal que aí vem, lhe traga alguma doce (um tanto por a boca, mas para o espírito, sobretudo) e que o ano de 97 (o ano-jubileu, antes de deixar de novo a minha procura a reconciliação consigo mesmo, com os homens, com o mundo e com a vida. A reconciliação possível, que tudo é tumulto e desordem, neste 'universo povoado de sombras' e tenebras (e terrores).

E cá espero, até à chegada do seu anúncio/prometido desígnio.

Muito grande e afectuoso abraço do seu velho amigo e fiel admirador.

Esperança

P.S. - Sobre a sua exposição (junta à sua realia, diga-me) há para a Carta de Copacabana, lembro-me de ter tido, há umas duas semanas atrás, no "Expresso", uma breve (e tanto quanto me lembro também, inexpressiva) referência dum tal Oscar(?) Faia. Teria visto, certamente.

Albano Antunes
R. Fernão Dunder Pinto, 167
4400 VILA NOVA DE GAIA



UNIVERSIDADE
DE EVORA

01.216.30

António Cruz

*Rua de Rosa, 152, 3.^o
1200 LISBOA*

212317

